

Desigualdades, Redes de afeto e Políticas Afirmativas no Refúgio LGBTI+¹

Nathália Antonucci (PPGA-UFF/Rio de Janeiro)

Resumo: O presente artigo apresenta discussão sobre o projeto LGBT+movimento, que trabalha pela incidência, sensibilização e articulação de redes de afeto que facilitem a integração, acolhimento e expressão da pessoa LGBTI+ migrante e refugiada no Rio de Janeiro. A discussão se fundamenta na crítica à categoria de não-humanos, a partir da primeira e da segunda desigualdades apontadas por Rousseau, com a finalidade de problematizar a ambiguidade da categoria frente a prática recorrente de inferiorização de certos grupos sociais, em destaque a população LGBTI+. Em seguida é proposto uma revisão do trabalho de Gabriel Tarde para fomentar a discussão da formação de redes de afeto entre pessoas em movimento. O artigo narra também a experiência de encontro com grupo de pessoas refugiadas venezuelanas LGBTI+, em um abrigo para refugiados na cidade de Boa Vista, em Roraima, em julho de 2018. O encontro ocorreu durante trabalho de campo realizado para avaliação da situação da migração venezuelana buscando dar maior visibilidade a questão.

Palavras-chave: Redes, LGBTI, Refúgio

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

O atual desenvolvimento humano está imerso em um conjunto de incertezas onde o progresso e o domínio da espécie humana já não são tão óbvios assim. As incertezas brotam de duas crises centrais: a da ciência e a do modelo capitalista de desenvolvimento. A ciência, desde a explosão da bomba atômica de Hiroshima, já não é mais uma unanimidade de soluções técnico-científicas para os diversos problemas da humanidade. (Santos, 2008). Tal situação se agrava ainda mais pela degradação ambiental sistemática resultante dos modelos de produção e consumo atuais. Esse modelo de desenvolvimento se baseia, assim, em inúmeras desigualdades das quais necessita para fazer o seu dinamismo econômico acontecer (Santos, 2007). Dessa forma, a ciência - como produtora de verdades universais - e o desenvolvimento capitalista responsável pelo possível progresso infinito da humanidade - não conseguem mais esconder o conjunto de desigualdades fundadoras de si mesmos.

Essas desigualdades não são apenas entre humanos e humanos, mas também entre humanos e não-humanos, o que é expresso na dicotomia sociedade e natureza (Rousseau, 1999). Aqui, a natureza está sempre submetida ou dominada pela sociedade.

Como a definição de humano, desde os gregos até Descartes, sempre se fez a partir da definição do que é um animal, todas as desigualdades entre humanos são operadas pela concepção de ser animal (Ingold, 1994). Os animais não teriam interioridade, racionalidade ou essencialidade, características exclusivas dos humanos. Razão pela qual na conquista das américas, para facilitar a escravidão de índios e negros, estes deveriam ser caracterizados como sem alma, sem essencialidade, sem interioridade, sem racionalidade - tal como os animais (Viveiros de Castro, 1996). Segundo Rousseau, teríamos uma desigualdade original, fundadora da sociedade humana e de seu contrato social, que é justamente aquela entre os animais e os humanos. Os primeiros, incapazes de se aperfeiçoarem (Rousseau, 1999). Essa primeira desigualdade seria o espelho da segunda desigualdade, entre humanos.

A segunda desigualdade e a crise socioambiental planetária exigem que todo esse modelo científico e de desenvolvimento seja repensado em suas bases: “Estou persuadido de que hoje a solução dessa segunda desigualdade não se fará senão retomando a primeira” (Marras, 2014). Nesse sentido, tratar das desigualdades entre humanos, necessita que se trate das desigualdades entre humanos e não humanos, com o rompimento da clássica oposição entre natureza e sociedade. Reconhecendo que as redes

entre humanos e não humanos sempre existiram com proximidades e distanciamentos, mas sempre se possuíram reciprocamente²

Segundo Boaventura Santos (2004), a produção do conhecimento ocidental é baseada numa racionalidade que se constrói a partir de dicotomias, onde seus termos são incomensuráveis entre si, intransitivos, abissais. Essas dicotomias escondem sempre uma hierarquia, uma dominação: homem e mulher, branco e negro, tradicional e desenvolvido, culto e inculto, metrópole e colônia, humano e animal, natureza e cultura. Essa dominação invisibiliza o termo subalterno. Dessa forma o conhecimento ocidental seria fundamentalmente assimétrico. Boaventura Santos o chama de pensamento abissal. Este consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas fundamentam as primeiras. As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o “deste lado da linha” e o “do outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer modo de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção de inclusão considera como o “outro”. A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha.

Boaventura (2007) insiste em atentar ao fato de que as dicotomias tornadas legítimas pela razão abissal contém sempre uma hierarquia: cultura científica/cultura literária; conhecimento científico/ conhecimento tradicional; homem/mulher; cultura/natureza; civilizado/ primitivo; capital/trabalho; branco/negro; Norte/Sul; Ocidente/Oriente; e assim por diante.

Através de cinco lógicas seriam produzidas as cinco inexistências. A primeira lógica deriva da *monocultura do saber* e do *rigor do saber*. É o modo de produção de não-existência mais poderoso. Consiste na transformação da ciência moderna e da alta

² Uso essa expressão alinhada ao pensamento do filósofo e sociólogo Gabriel Tarde: “Toda a filosofia fundou-se até agora no verbo *Ser [Etre]* cuja definição parecia a pedra filosofal a descobrir. Pode-se afirmar que, se tivesse sido fundada no verbo *Haver [Avoir]* muitos debates estéreis, muitos passos do espírito no mesmo lugar teriam sido evitados. Desde o princípio, *eu sou [je suis]*, é impossível deduzir, mesmo com toda a sutileza do mundo, qualquer outra existência além da minha; daí a negação da realidade exterior. Mas coloque-se em primeiro lugar este postulado “*Eu hei [l’ail]*” como fato fundamental; *havido [eu]* e a *havendo [ayant]* são dados, ao mesmo tempo, como inseparáveis. (...) O que é a sociedade? Poderíamos defini-la de nosso ponto de vista: a possessão recíproca, sob formas extremamente variadas, de todos por cada um.” (Tarde, 2007 p. 113)

cultura em critérios únicos de verdade e de qualidade estética, respectivamente. O ser ausente aqui seria o ignorante. A segunda lógica assenta na *monocultura do tempo linear*, na ideia de que a história tem sentido e direção únicos e conhecidos produzindo a inexistência dos seres residuais. A terceira lógica é a *lógica da classificação social*, que assenta na monocultura da naturalização das diferenças com o surgimento do inferior. A quarta lógica da produção da inexistência é a *lógica da escala dominante: só interessa o que é ou pode ser globalizado*. E, finalmente, a quinta lógica de não-existência é a *lógica produtivista* e assenta na monocultura dos critérios de produtividade capitalista. Aqui, surgem os seres inúteis ou improdutivos.

Para esta discussão, destaco, especialmente, a terceira lógica, a *da classificação social* que consiste na distribuição das populações por categorias que naturalizam hierarquias. Ainda segundo Boaventura (2008), a classificação racial e a classificação sexual são as mais salientes manifestações desta lógica. Ao contrário do que sucede com a relação capital/trabalho, a classificação social assenta em atributos que negam a intencionalidade da hierarquia social. A relação de dominação é a consequência e não a causa dessa hierarquia e pode ser mesmo considerada como uma obrigação de quem é classificado como superior. Embora as duas formas de classificação (raça e sexo) sejam decisivas para que a relação capital/trabalho se estabilize e se difunda globalmente, a classificação racial foi a mais profundamente reconstruída pelo capitalismo. De acordo com esta lógica, a não-existência é produzida sob a forma de inferioridade insuperável porque natural. Quem é inferior, porque é insuperavelmente e naturalmente inferior, não pode ser uma alternativa a quem é superior. Nesse caso, seguindo também o exposto na introdução, a dicotomia natureza/sociedade, se expressaria a partir de duas assimetrias, duas desigualdades, sendo a primeira desigualdade, na história do pensamento ocidental, fundante da segunda. A primeira, entre humanos e não humanos. E, a segunda, entre humanos e humanos.

Nesse ponto, Boaventura propõe um esforço para a superação da razão abissal:

“Pensar os termos das dicotomias fora das articulações e relações de poder que os unem, como primeiro passo para os libertar dessas relações, e para revelar outras relações alternativas que têm estado ofuscadas pelas dicotomias hegemónicas. Pensar o Sul como se não houvesse Norte, pensar a mulher como se não houvesse o homem, pensar o escravo como se não houvesse senhor. O pressuposto deste procedimento é que a razão metonímica, ao arrastar estas entidades para

dentro das dicotomias, não o fez com pleno êxito, já que fora destas ficaram componentes ou fragmentos não socializados pela ordem da totalidade. Esses componentes ou fragmentos têm vagueado fora dessa totalidade como meteoritos perdidos no espaço da ordem e insusceptíveis de serem percebidos e controlados por ela. (...)O que é que existe no Sul que escapa à dicotomia Norte/Sul? O que é que existe na medicina tradicional que escapa à dicotomia medicina moderna/medicina tradicional? O que é que existe na mulher que é independente da sua relação com o homem? É possível ver o que é subalterno sem olhar à relação de subalternidade”? (Santos, 2004 p. 246)

É preciso compreender que a fundamentação das duas desigualdades em nossa sociedade Ocidental se deu a partir de Aristóteles, sobretudo na sua distinção entre Zoé e Bios. Essas duas nomenclaturas representam igualmente a palavra Vida, em grego. Porém, na sua Política, Aristóteles demarca o espaço político pela exclusão de Zoé – vida unicamente reprodutiva e biológica – onde foram alocados os não-cidadãos, isto é, os seres sem vida política, notadamente mulheres, escravos, estrangeiros e crianças, e obviamente, animais. O local do “bem viver”, Bios, fica restrito aos cidadãos políticos, ou seja, homens (Aristóteles, 2006). Portanto, há na categoria de não-humanos uma ambiguidade, em sua prática. Ela não é restrita a seres não-humanos, há humanos, como é o caso das mulheres, estrangeiros/refugiados, população LGBTI+³, animais e outros, que historicamente coabitam para além do outro lado da linha abissal.

Para sermos capazes de propor um salto de superação, haveria de ser introduzida uma teoria social alternativa partindo de outra perspectiva do conceito sociedade. Na verdade, reintroduzida a partir das releituras de Gabriel Tarde, que argumentava que “ (...) tudo é sociedade, todas as coisas são sociedades, (...) fala-se em sociedades celulares – por que não sociedades atômicas? Nem sequer mencionemos sociedades de estrelas, sistemas solares.”. Tarde edifica seu pensamento sobre a premissa: “existir é diferir” criando assim uma Sociologia da diferença, dentro de uma ciência das conexões (Tarde, 2007). Para Tarde, o social se dá por meio de fluxos de crenças e desejos, sendo os indivíduos, grupos ou instituições todas provenientes desse maná de fé e paixão. Fazer Sociologia seria, então, mapear essas correntes que Tarde denominou de *raios imitativos*,

³ Faço uso da sigla LGBTI+ com intuito de representar e incluir outras minorias em relação a orientação sexual e identidade de gênero, além daquelas já representadas na sigla LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais).

que fluem, confluem e diferem incessantemente. Tarde delimitou três modalidades de ação irreduzíveis: a imitação, a oposição e a invenção, como Vargas (2005) esclarece:

“Nesse sentido, a imitação marca a passagem ou a propagação de um fluxo ou onda de crença e de desejo; a oposição, por sua vez, marca a intervenção de um fluxo ou onda sobre outra sob o modo de um choque binário; enquanto a invenção marca a conjugação ou a conexão de múltiplos fluxos de crenças e desejos” (Deleuze e Guatarri apud Vargas 2005, p. 231)

“As imitação, oposições e invenções especificam cada um desses fluxos, e nesse sentido, elas os criam”. Isto é, “as crenças e desejos são propagados pelas imitações, as oposições binarizam e as invenções conectam” (Vargas, 2005, p. 231)

À primeira vista a Filosofia Tardeana carrega alguma semelhança com o Funcionalismo proposto por Radcliffe-Brown, pois este tinha como objeto de suas investigações as relações e processos das vidas humanas e concebia as relações sociais não como o ato de interação entre duas pessoas ou mais pessoas, mas como parte de uma rede de relações sociais, envolvida por uma complexidade de agentes. Nesse sentido Radcliffe-Brown, pensava a sua definição de função a partir da sua relação com a estrutura social para qual a sua existência e continuidade contribui. Analogamente “a um organismo vivo, no qual a função fisiológica do bater do coração, ou da secreção dos sucos gástricos, é sua relação com a estrutura orgânica.” (Radcliffe-Brown, 1973). Contudo existe uma diferença crucial entre essas concepções, enquanto Radcliffe-Brown permanece buscando as repetições, a filosofia de Tarde é essencialmente baseada no caráter mutacional dos fenômenos sociais, como explica Sergio Tonkonoff (2011), na introdução do livro “Creencias, Desejos e Sociedades”:

Mutaciones infinitesimales que incluso manteniéndolo se en su ritmo más lento resultan capaces, pasado cierto umbral, de modificar por sí solas las características globales del conjunto. Siguiendo este camino puede pensarse en una red de redes, y otorgarle el nombre de sociedad a esa composición de nivel superior. Pero no se obtendrá de esto la imagen de un cuerpo lleno, cabalmente organizado y funcional: un organismo. Tampoco se encontrará un edificio de dos pisos atravesado por una contradicción que determina todas sus instancias. Lo que surgirá en

cambio es una inmensa y tupida trama de relaciones marcada en infinidad de puntos por disyunciones que la bifurcan y oposiciones que la interrumpen. Red que, además, coexiste con un número todavía mayor de relaciones (sociales) a las que no incluye. (...) para resumir esta tesis Tarde señala, con su elocuencia característica, que un hormiguero es incomparablemente menos complicado que una hormiga. (Tonkonoff, 2011 p. 19-20)

Foi sobre essa égide que Bruno Latour (2005) construiu sua Teoria do Ator-Rede (ANT), onde o mundo social orbita em torno das redes de relações. Nas redes é que estão depositadas, hoje, as formas de inovação e mobilização social, pois há nelas um moto-contínuo que como Portella e Oliveira (2016) disseram: “permite ousar o enfrentamento de problemáticas de maior complexidade, unindo vontades distantes, conhecimentos invisíveis, e capacidades desconhecidas”.

A Convenção da ONU de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados não reconhece explicitamente, a orientação sexual ou identidade de gênero como uma das causas que podem motivar o refúgio. O Alto Comissariado da ONU para Refugiados, entretanto, já estabeleceu a interpretação de que tais populações podem ser protegidas sob a condição de refugiados por ‘pertencimento a um grupo social’, quando o mesmo sofre ameaça ou perseguição de ameaça (ACNUR, 2012).

Diferentemente de algumas outras causas de solicitação de refúgio, a LGBTI+fobia geralmente acompanha essa pessoa em movimento, mesmo que em menor escala, o que faz com que, de certa maneira, a pessoa continue sofrendo uma perseguição. Em razão da LGBTI+fobia de um país não ser uma característica rapidamente mutável e, ser, muitas vezes, traço extremamente forte da cultura e da religião, os refugiados LGBTI+ apresentam menos o desejo de retorno ao seu país de origem, algo muito marcante em processos migratórios por motivações alheias à pessoa.

Dessa forma, a gama de violações sofrida pela população LGBTI+ é ainda maior quando também se é pessoa migrante ou refugiada. Há aqui uma intersecção que agrava o quadro de discriminação sofrido, e a soma de diversas possíveis intersecções constrói um cenário de múltiplas vulnerabilidades que atingem essa pessoa.

A fragilidade dessa população LGBTI+ refugiada é tão potente que a maioria acaba tendo dificuldade de assumir sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, já que ao chegar ao país de destino, ainda permanece presente a rede de seu país de origem, através da qual esses indivíduos são primeiramente apresentados no local de destino, que

se faz, salvo raras exceções, LGBTI+fóbica, expondo o indivíduo a mais repressão e intolerância.

Nesse sentido desenvolvo há mais de um ano o projeto LGBT+movimento, pela incidência, sensibilização e articulação de redes de afeto que facilitem a integração, acolhimento e expressão da pessoa LGBTI+ deslocada, migrante e refugiada no Rio de Janeiro. Além de buscar a sensibilização da comunidade, quer também a produção de conhecimento e a comunicação pública de denúncias do cenário ainda violador ao qual estamos submetidos. E, dessa forma, incidir na criação e efetivação de políticas públicas voltadas a atender as necessidades particulares dessa população.

Escolhemos usar a expressão redes de afeto como uma referência a algo que possui tanto um lado prático quanto um lado subjetivo. Nascemos integrados em uma rede e, sempre em rede, aprendemos a nos relacionar. Essa rede é tanto uma ligação entre pessoas - aqui nos referindo a todas as pessoas com as quais nos relacionamos - como também uma ligação com os lugares que frequentamos. Desse modo, as nossas práticas locais e sociais, de alguma maneira, efetuam a forma como nos colocamos no mundo.

Os refugiados, migrantes e deslocados - o que chamamos de pessoas em movimento - retiram-se ou são retirados de sua rede de origem e vão procurar formá-la em outro lugar. Buscamos facilitar a inserção em nova rede, trabalhando em um contexto local e singularizado, de forma que, a integração dessa pessoa possa se dar de maneira diferencial quando feita por atores locais que possuam intersecções comuns, ou seja, que fazem parte da população LGBTI+ e estão no mesmo território. Procuramos, então, integrar essa pessoa no Rio de Janeiro, com a vivência de pessoas que moram no Rio e fazem parte da população LGBTI+, sabendo que o Rio de Janeiro se configura hoje como um lugar também LGBTI+fóbico, porém distinto da maioria dos locais de origem dessas pessoas.

Nesse sentido, durante uma pesquisa de campo em Boa Vista, Roraima, foi organizado um encontro com as pessoas LGBTI+ do, até então, centro de trânsito Latif Salomão. As treze pessoas presentes se identificavam como pertencentes a comunidade LGBTI+ e desejavam serem interiorizadas para outros estados do Brasil, sendo o Rio de Janeiro e São Paulo os estados de maior interesse. Durante esse encontro realizamos uma conversa sobre a formação de redes de afeto e proteção a pessoas LGBTI+, citando o projeto LGBT+Movimento como uma boa prática a ser explorada em outras regiões. Esse encontro foi essencial para que novas redes fossem formadas, pois um mês após seu

acontecimento, quatro travestis foram interiorizadas para a cidade do Rio de Janeiro, e pudemos ajudar na sua integração com a comunidade LGBTI+ local.

As redes de afeto são associações que surgem da relação em movimento entre os afetos dos atores envolvidos, de forma que todos os atores e seus afetos são considerados insubstituíveis e necessários àquela rede. Portanto, descrevemos uma organização em constante mudança, seja nos seus aspectos práticos e pragmáticos, seja nos abstratos. Na prática, as redes de afeto partem de princípios bastante simples, porém produtores de complexidade e riqueza. Elas funcionam a partir do compartilhamento de saberes. Como parte da comunidade LGBTI+ do estado do Rio de Janeiro, estamos imersos nessa rede, e uma vez dentro dela, adquirimos saberes que são comuns e singulares a ela. Ao lidarmos com a questão de migração, refúgio e deslocamentos, também adquirimos saberes caros a esta outra rede. É a partir desse movimento, de infinitesimais associações dentro da rede LGBTI+ e de migração e refúgio, que pretendo produzir conhecimento. Que seja simétrico!

Bibliografia

ACNUR. Diretrizes Sobre Proteção Internacional N. 09 (2012). Solicitações de Refúgio baseadas na Orientação Sexual e/ou Identidade de Gênero no contexto do Artigo 1A (2) da Convenção de 1951 e/ou Protocolo de 1967 relativos ao Estatuto dos Refugiados. Disponível em: <http://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2014/9748.pdf>

ARISTÓTELES. *Política* [Edição Bilingue]. Lisboa: Vega, 1998.

INGOLD, Tim. Humanity and animality. *Companion Encyclopedia of Anthropology*. London: Routledge, 1994.

LATOUR, Bruno. (2005). “Introdução: Como Retomar a Tarefa de Descobrir Associações”. In: *Reagregando o Social: Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador: EDUFBA, pp 17-38.

MARRAS, Stelio. Virada animal, virada humana: outro pacto. *Sci. stud.* 2014, vol.12, n.2, pp.215-260.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973. Cap. 10: Sobre a estrutura social (pp. 232-251).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1755].

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências, In: SANTOS, B.S. (org.), *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente*. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, vol.78, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*, 5 eds., São Paulo: Cortez, 2008.

TARDE, Gabriel. *Monadologia e sociologia e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007 [1895]

TONKONOFF, S. Sociologia molecular (prólogo). In: Tarde, G.: *Creencias, Deseos, Sociedades* (pp. 11-31). Buenos Aires: Cactus, 2011.

VARGAS, Eduardo Viana. *Antes Tarde do que Nunca. Gabriel Tarde e a Emergência das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro. 2005

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio*. *Mana*, 2(2):115-144, 1996.

PORTELLA Sergio & OLIVEIRA, Simone. Redes, Produção de Saber e Gestão de Risco e Desastres. In: *Redes e Comunidades – Uma visão Transdisciplinar*. Col. LED/2016. ISBN: 978-85-444-1421-7